

A TERRITORIALIDADE E OS CIRCUITOS DA ECONOMIA A PARTIR DA FEIRA LIVRE – PRAÇA DA CRUZ VERMELHA (CENTRO DO RIO)

Luana Labre de Siquiera

Lirian Melchior

311

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o arranjo espacial e a dinâmica socioeconômica da feira livre no centro do Rio de Janeiro, relacionando com os circuitos da economia urbana. Nessa análise, o arranjo espacial se refere a configuração territorial, a territorialidade, a identidade – relação de pertencimento, a localização, e espacialização das feiras livres. A dinâmica socioeconômica é um conjunto de variáveis econômicas, políticas e culturais, intrínsecos ao fenômeno estudado. Os dois circuitos da economia urbana se constituem em dois sistemas indissociáveis e, nesta pesquisa, temos os circuitos muito conectados, continuando com a significativa importância, de como o circuito inferior ainda é base de sustento e oportunidades para indivíduos que estão excluídos do setor formal. Através dessa pesquisa, constata-se a importância deste mercado a céu aberto, para um determinado grupo de indivíduos buscarem alguma forma de renda na cidade do Rio de Janeiro

Palavras – chaves: Feira livre, territorialidade, circuitos da economia, empresários da miséria.

THE TERRITORIALITY AND CIRCUITS OF THE ECONOMY FROM THE FREE FAIR - PRAÇA DA CRUZ VERMELHA (FROM RIO DE JANEIRO CITY)

The present work aims to analyze the spatial arrangement and the socioeconomic dynamics of the street market in the center of Rio de Janeiro, related to the circuits of the urban economy. In this analysis, the spatial arrangement refers to the territorial configuration, the territoriality, the identity – relation of belonging, the location, the spatialization of the street markets. The socioeconomic dynamics is a set of economic, political and cultural variables, intrinsic to the studied phenomenon. The two circuits of the urban economy constitute two inseparable systems, and in this research, we have the circuits very

connected, continuing with the significant importance of how the lower circuit is still the basis of livelihood and opportunities for individuals who are excluded from the formal sector. Through this research, it is verified the importance of this open-air market, for a certain group of individuals to seek some form of income in the city of Rio de Janeiro.

Keywords: flea market, territoriality, economy circuits, entrepreneurs of misery.

LA TERRITORIALIDAD Y LOS CIRCUITOS DE LA ECONOMÍA DESDE LA FERIA LIBRE - PRAÇA DA CRUZ VERMELHA (EN EL CENTRO DO RIO DE JANEIRO)

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la disposición espacial y la dinámica socioeconómica del mercado callejero en el centro de Río de Janeiro, relacionándolo con los circuitos de la economía urbana. En este análisis, el ordenamiento espacial se refiere a la configuración territorial, la territorialidad, la relación identidad-pertenencia, la ubicación, la espacialización de los mercadillos. La dinámica socioeconómica es un conjunto de variables económicas, políticas y culturales, intrínsecas al fenómeno estudiado. Los dos circuitos de la economía urbana constituyen dos sistemas inseparables y, en esta investigación, tenemos los circuitos muy conectados, continuando con la significativa importancia de cómo el circuito inferior sigue siendo la base de sustento y oportunidades para los individuos que se encuentran excluidos de la formalidad. sector. A través de esta investigación, se verifica la importancia de este mercado al aire libre, para un determinado grupo de individuos para buscar alguna forma de ingresos en la ciudad de Río de Janeiro.

Palabras clave: Feria libre, territorialidad, circuitos económicos, empresarios de la miseria.

Introdução

O presente trabalho versa sobre a territorialidade e o circuito inferior da economia urbana, trazendo como estudo de caso a feira livre – Praça da Cruz Vermelha (centro do Rio de Janeiro). O trabalho apresenta os desdobramentos de como se manifestam estes arranjos no território e suas particularidades, entendendo a construção social, sobreposta no espaço e como suas formas são construídas e/ ou apropriadas por diferentes grupos sociais, dando vida a este comércio a céu aberto.

A dinâmica da feira livre é composta por conjunto de processos espaciais, ou seja, arranjos espaciais.

Nesses espaços são (re)produzidos encontros, experiências, compras, vendas, permutas, performances, cores e sonoridades que se misturam e se dissolvem; inúmeras pessoas efetuam as reproduções sociais e capitalistas. Portanto, a feira se institui antes de tudo, espaço de mobilidade comercial e social, onde, por meio de diversas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades, vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito do território construído. Para Correa (2007, p.68), as práticas sociais constituem ações espacialmente delineada por agentes sociais palpáveis, tendo como finalidade, a realização. Sendo assim, podem ser constituídas como ações individuais, porém, não quer dizer que são necessariamente sistemáticas e regulares e também caracterizada por uma escala temporal limitada.

Assim, as sociabilidades dentro desse arranjo (feira) são manifestadas por certas particularidades, quanto a estrutura econômica, ou a venda dos produtos é feita de forma mais simplista, cheio de mobilidade proporcionado pela facilidade de movimento entre as barracas - bancas ao longo da rua, praça ou logradouro que esteja localizada, a vasta visibilidade e acesso a produtos (frutas, legumes, verduras, entre outros) expostos no mercado a céu aberto. Quanto à estrutura política, este espaço segue ordenamento próprio, a organização das barracas é feita através de uma área reservada, que pode até ser alugada para a venda de seus produtos, esta é regulamentada pela prefeitura, que estabelece a legalidade para sua instalação e estabelece critérios e normas de funcionamento, numa determinada localidade.

Nesses espaços, ainda ocorrem as conversas, as tradições e principalmente os encontros, ou seja, a estrutura social se desenha de forma intensa, através de toda essa

interação e dinâmica de compra e venda. Essa relação é aproximada pelo contato com os clientes, criando a fidelidade, amizade; a inteiração com os outros vendedores, gerando o local de encontros para os próprios feirantes, estabelecendo e fortificando ali sua amizade, reforçando os laços. Assim como, os clientes também recriam esses espaços de pertencimento e socialização, com os encontros entre amigos para bate – papo e a famosa degustação dos pastéis de feira e ali, interagem, conversam, brincam, fazem gozações, de forma sadia e prazerosa

É nítido nesse ambiente, que a apropriação acontece de forma simbólica e concreta, sendo dimensionada por várias operações humanas. O espaço da feira livre, é apropriado de diversos modos, assim como, também é desfeito, esse arranjo é organizado e controlado a partir da concentração de fluxos. Evidentemente que a dinâmica de concentração e dispersão são fundamentais nesse processo. Segundo Correa (2016, p.128) a concentração espacial é a forças de atração, assim, como força de coesão, ou seja, a concentração de um grupo em localização ou área determinada, criando assim diferentes mosaicos.

Tais desdobramentos são visíveis no cenário mencionado, é perceptível que a concentração de trabalhadores e seus respectivos produtos tem um horário específico, todos chegam praticamente no mesmo horário (madrugada) criando um padrão, e com isso, todos os atores envolvidos também começam a se concentrar, sendo eles, carregadores, vendedores ambulantes, comerciantes (revendedores de mercadoria – sacolas de plástico, legumes, frutas) em quantidade menores, e posteriormente os clientes. Se materializando, dando vida àquele espaço. Mas também, em determinado momento ocorre a dispersão desses atores, definido por Correa (2016) como o resultado dessa organização espacial, tais processos, geram a difusão, o afastamento por um período específico. Com efeito, a forma e a função espacial das feiras livres, se materializam no espaço como figuras comerciais de caráter socioeconômico e cultural. Com manifestação da cultura urbano brasileira visto que a atividade se mantém apesar do crescente avanço do desenvolvimento do comércio. Persistindo apesar da frenética competitividade dos hipermercados e hortifrútiis, inclusive, a facilidade e conforto, proporcionado pelas compras virtuais (internet).

O meio técnico-científico-informacional período denominado por Santos, traz os desdobramentos de dois subsistemas do circuito da economia urbana: a modernização nos sistemas urbanos dos países periféricos e a imensa segmentação social das grandes cidades dos países centrais e periféricos, o acesso à produção e ao consumo se dão de diferentes maneiras, sendo assim, Junior; Ribeiro; Silva, (2021, p.4.) estabelecem que estas “são a causa e o efeito de diferentes circuitos de produção”. Portanto, na teoria dos dois circuitos, as diferentes representações de trabalho presentes no sistema urbano são, direta ou indiretamente, produto da modernização seletiva e concentradora.

De forma breve, os conceitos de circuito superior e inferior podem ser apresentados na seguinte configuração, o circuito superior originou-se diretamente da modernização tecnológica e seus elementos mais representativos, hoje são os monopólios. O essencial de suas relações ocorre fora da cidade e da região que os abrigam e tem por cenário o país ou o exterior. Já o circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres é, ao contrário, bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região. (JUNIOR; RIBEIRO; SILVA, 2021, p.4.)

As feiras livres desempenham papéis de destaque como atividade econômica, abrangendo em sua maioria, uma parcela da população de poder aquisitivo mais baixo. Esse comércio a céu aberto, tem sua inserção no circuito inferior, ou seja, este formato de atividade de pequena dimensão é direcionado principalmente as populações pobres, em oposição ao circuito superior, ele é bem fixado e mantém relações amistosas em sua escala local (FIRMINO, n.p.).

Segundo Firmino (n.p.), as feiras chegam a dividir espaço com um número cada vez maior de grandes empresas, firmas e até instituições, cada qual com seu próprio objetivo, tornando-se um lugar vivido por todos, “espaço banal, espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações”. A feira tem a força de oferecer uma variedade em relação aos produtos comercializados, permitindo a população local e circunvizinha a terem um maior direito de escolha, na aquisição de produtos – compra, venda e/ou troca, é possível encontrar na feira livre uma diversidade de ocupações, uma

vez que a exigência é a apenas a (força) - vontade de trabalhar. Segundo Firmino (n.d) “a energia de cada indivíduo é uma mercadoria”, desta forma, para a realização é necessário um número de pessoas, desde o intermediário, o caminhoneiro, o carregador, e o próprio feirante.

Neste sentido, pode -se dizer que nessa atividade se tem os variados tipos de trabalho que compõem o universo do circuito inferior, isso é observado na forma micro e de pequenas empresas, assim também, com os trabalhadores autônomos sempre se reinventando e diversificando suas estratégias de venda no período atual. Vale ressaltar, como é de praxe no circuito inferior, o emprego na feira também não é permanente, hoje pode estar trabalhando (atores desse arranjo), amanhã já não estarão mais, o salário também não é fixo e sem respaldos trabalhistas, ou seja, não existem garantias.

Em suma, o ingresso nas atividades do circuito inferior aparece como uma possibilidade de adquirir o mínimo para a sobrevivência. Esse circuito torna – se então, uma estrutura de abrigo para muitos cidadãos novos e até mesmo antigos que, geralmente, são desprovidos de capital e qualificação. Ao longo da análise, será nítido que a maioria das características do circuito inferior estará presente no “dia – a – dia” das feiras. Portanto, não se deve ignorar sua importância na evolução e desenvolvimento econômico.

A importância das redes (família, amigos e confiança) na consolidação das feiras livres.

A informalidade laboral é decorrente das mudanças ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho, tais processos, apontam a precarização, concentração de renda, redução de emprego formal e aumento da desigualdade social. Segundo MACIEL et al., (2014, P.33) a falta de emprego, a exigência de qualificação profissional, como também as flexibilizações da forma de trabalho obrigam os trabalhadores a se sujeitarem às condições trabalhistas instáveis, diante de condições precárias, de baixíssimas remunerações e principalmente a falta de respaldos das leis trabalhistas. Do mesmo modo, tal situação propicia o surgimento de um conjunto de atividade que formam a

economia formal, importante para a imersão do indivíduo no mercado de trabalho, sendo uma maneira de garantir sua sobrevivência e também reconhecimento social.

Para Carvalho et al. (2014) a percepção de economia informal buscou ultrapassar a dualidade, entre o setor informal e formal, evidenciando as condições precárias da informalidade, e o quase nenhum acesso aos direitos sociais. Foi a partir das décadas de 1980 e 1990, que as atividades informais foram introduzidas, fortemente, no movimento de reestruturação produtiva e na ascensão da precarização do trabalho. Segundo Maciel et al. (2014, P.34) nas últimas décadas o setor informal foi responsável por ocupação numerosa no mercado de trabalho. A informalidade é um reflexo de ações concretas a margem das normas estabelecidas pelo Estado, geralmente por indivíduos que não tem suas necessidades econômicas e sociais satisfeitas, e com isso, buscam outras formas e estratégias, para sobreviver a esta realidade, sendo assim, o trabalho informal, cria e reinventa suas próprias práticas e modelos de organização no dia a dia, para definir os arranjos que melhor representar a continuação de sua atividade.

Um dos arranjos que se destaca nesse cenário é a formação e o funcionamento de redes sociais produtivas. Nessa representação, indica a existência de redes sociais ligadas as suas práticas imersas no trabalho, geralmente estabelecidas por laços familiares, de amizade e confiança. As redes articulam e constituem normas de convivência de apoio mútuo e modos de organização laboral. Elas estabelecem a capacidade de estreitar conexões e troca recíproca de elementos materiais e simbólicos. Trazendo essa identidade e singularidade neste universo, “essas conexões, por sua vez, favorecem o estabelecimento de modos de trabalho e de reconhecimento fundamentais para a formação de laços entre trabalhadores e a continuidade das atividades laborais”. (CARVALHO; MACIEL; MATOS,2014). Desse modo, as redes sociais, além de proporcionar laços e vínculos de trabalho remunerado, acaba se tornando um entrelaçado de apoio visível, uma forma de aparato para os indivíduos pertencentes a essa realidade.

Segundo Carvalho et al. (2014) a construção das redes sociais tem como resultado a formação de “nós”, esses nós são representados por atores, que podem ser pessoas, grupos ou instituições que estabelecem vínculos entre si, e fixam um sistema de troca,

de conteúdos materiais e imateriais, sendo eles por meios financeiros ou de informação. Ou seja, são os indivíduos, compreendidos por estes atores, os responsáveis por dar vida a essa trama, os participantes ativos dessa relação de troca.

Para Maciel et al. (2014) as redes são definidas como os elementos básicos que formam o capital social de um determinado grupo, nesses territórios onde se realizam as práticas cotidianas. O realizar dos “nós” são os responsáveis por promover a dinâmica social e suas estratégias de organização. Assim, as atividades e relações vividas no trabalho informal da feira, será mais entendida através do olhar entrelaçado das redes sociais e do capital social proporcionado por elas, também denominada como “redes socioprodutivas”.

Os encontros permitem que diferentes histórias sejam contadas, as variadas feiras possibilitam que conheçam cada vez mais pessoas, como se fossem uma rede que conecta várias pessoas. Segundo Sato (2009, P: 236), “a organização em rede na feira livre ocorre pelo fato dos feirantes e demais trabalhadores criarem sua própria rotina e regras”. O dia a dia nesse ambiente mostra que pode conter inúmeras formas de liderar e líderes que venha exercer forte influência no modo de transcorrer cada feira nesses espaços, no entanto, ressalta a não existência de um gerente.

É nesse cotidiano de trabalho que as redes sociais são mobilizadas, dentro desta teia, temos a rede de trabalho e de confiança muito forte, embora mesclada são notórias na sua organização e continuidade das atividades laborais. As redes de trabalho e confiança se espalham por diferentes bancas, são representadas pela amizade, por meio de conversas, brincadeiras, gozações, chacotas, lanches compartilhados, e também ajuda de formas variadas principalmente em momentos de maior fluxo – movimento de clientes, seja na dúvida quanto ao produto ofertado, a realização da venda do mesmo, execução de troca, ou seja, a criação de laço de confiança.

Outra rede que se destaca é a familiar, é comum encontramos mais de um membro e/ou parentes trabalhando no ambiente. Conforme observa Correa, “as redes sociais são historicamente contextualizadas, portanto, mutáveis, das quais são exemplos a rede de parentesco, englobando os membros de uma grande família, ou a de um grupo de pessoas que se organizam em torno de um interesse comum (p.200). Embora seja

familiar, a hierarquia se desenha nas funções que cada um vai estabelecer na banca, os funcionários são um grupo de trabalho, com divisão de tarefas e autonomia. É muito comum a divisão de função para o bom funcionamento. E claro, que dentro dessa organização existe os níveis de centralidade, que geralmente são associados a processos de poder, influência e intermediação.

Quer isto dizer, que embora seja uma liderança informal, por exemplo, a função de caixa, que exerce o controle sobre o recurso mais importante da banca, o dinheiro, é exclusividade do dono da banca, estabelecendo assim uma clara relação de poder. Dessa forma, essas redes de trabalho, confiança e familiar, apresentam traços característicos, como o laço familiar e de amizade, mas também o trabalho remunerado que remete a uma empresa contemporânea.

Diante disso, entende – se, que as redes sociais atuantes na feira, e que, formam modos de ordenação do trabalho que organizam o cotidiano laboral dos feirantes, apresentam concepções distintas, reconhecendo a variedade do trabalho e suas transformações contemporâneas. Sendo observado que a rede de trabalho e confiança, é mesclado com os laços familiares na sua organização flexível, trazendo a construção da relação de solidariedade entre os feirantes.

feira livre é um segmento que abraça uma camada de indivíduos a exercer e buscar autonomia no mercado de trabalho muito cedo, como um palco de ações, um espaço de primeiras experiências e vivências, sobretudo uma fonte de renda “As redes sociais empregadas permitem observar as relações entre esses atores no ambiente, variando suas conexões como fortes - fracas formais - informais, centralizadas – descentralizadas” (VARANDA, 2007, p.208). De fato, as redes geram as articulações - conexões em distintos níveis de escalas, podendo ter sua carga de manifestação em dosagens mais densas ou não.

Nessa perspectiva, a construção das trocas humanas é potencializada nesse cenário, através do vínculo de suas redes (família, amigos e vizinhos). Sendo os principais atores dessa configuração em rede, ou seja, recriando, dando continuidade no segmento. Resumidamente, essa teia é de interesse comum, onde é permitido observar como as

redes familiares e de confiança se entrelaçam e fomentam a organização desta atividade.

Com as redes, a resistência das feiras como um espaço de territorialidade

A priori, o espaço geográfico sustenta as relações e inteirações da sociedade, envolvendo sempre a relação homem e o meio. Diante disso, o território é o principal agente dessa manifestação, é nele, que está calcada os elementos primordiais de causa e efeito. Envolvendo sempre a relação de poder, a concepção de território se desdobra em outras formas de apropriação, incluindo, o poder simbólico, e suas relações econômicas e políticas.

“Entendemos o território, como resultado do processo de territorialização. Ou seja, o homem, vivendo em sociedade, territorializa-se através de suas atividades cotidianas, seja no campo seja na cidade. Ele constitui um lugar de vida. Este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos, (i) materiais, no trabalho, na família, na Igreja, nas lojas, nos bancos, na escola etc. Estas relações, as territorialidades, é que constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado espaço geográfico”. (SAQUET, 2006 P. 62)

Destacado por um desenvolvimento territorial e multidimensional (econômico, político e cultural) a todo o momento, o estabelecimento de relações está sendo construídos e desconstruídos, obtendo a nítida confirmação da criação – inovação de identidades, sendo desenhadas, e espalhadas nos variados recortes espaciais, imprimindo usos e significados, à mercê de mudanças, de acordo com a dinâmica de movimentos e inteirações sociais.

É importante ressaltar, que a existência de particularidades num determinado território, é elemento basilar para concretizar identidade e simbologia, características de apropriação. Uma vez que, entende-se a territorialidade, através do estabelecimento de poder e/ou controle, nos mais variados aspectos, por conseguinte em recursos e fluxos

(pessoas/mercadorias) em determinado espaço, ou seja, uma área mais específica imersa no território.

A territorialidade vem sobrepujar de maneira mais profunda os pormenores dos atributos que estão ligados e submetidos naquele território, é de uma capacidade mais detalhada de compreender como funciona e principalmente como se configura tais identidades, ou seja, características únicas, que são capazes de modelar e remodelar o espaço em questão, contendo particularidades que são assinatura genuína de reafirmação de sua identidade, ou seja, legitimação. “[...], pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. (...)” (HAESBERT, 2007: 22)

Destacado por Costa e Santos (2016) as feiras surgiram quando o homem produziu além de suas necessidades básicas, ou seja, o excedente. Mesmo ao manter algumas de suas características originais, a evolução no tempo fez com que muitos desses mercados se apresentassem com certas particularidades em diversas partes do mundo.

Embora tenha sido uma atividade comercial de tempos remotos, as feiras se expressam, tanto nos pequenos como nos grandes centros urbanos, resistindo às adversidades da contemporaneidade. Como afirma Costa e Santos (2016) “se mantêm no espaço não somente por sua lógica tradicional, mas devido às recentes ações dos agentes que equilibram a organização das feiras com as recentes características do comércio moderno”. Há, aliás, feiras que assumem feição específica de acordo com a especialidade: feira dos bichos, feira dos artesãos, feira dos hippies, feira dos malandros (de objetos roubados), feira de carros usados, feira de fruta, feira de peixe... De certo, a identidade – simbologia, acerca dessa territorialidade em grande parte do território brasileiro. Como se pode ver, traduz forma comercial indutora da concentração de pessoas, capitais, mercadorias, inclusive de renovação ou de resistência no espaço urbano.

Quer isto dizer, que a feira realizada no Centro do Rio de Janeiro na Praça da Cruz Vermelha – INCA, é um exemplo concreto dessa representatividade, a realização de sua atividade, ocorre há um bom tempo, a data exata é indefinida, mas de acordo com os indivíduos envolvidos neste cenário, estima-se por volta de uns quarenta anos. Sendo

assim, reforça essa territorialidade. Quando sua identidade de feira livre ganha vida em um dia específico da semana, aos sábados, ainda é madrugada quando os raios de sol despontam, pincelando o amanhecer, o cenário começa a ser adornado e montado, protagonizando mais um episódio, os itinerantes chegam e a Rua Tadeu Kosciusko – Carlos Sampaio, é fechada e ganha simbologia a partir das 7h00 até às 13h00, sendo montada as múltiplas estruturas, ou seja, suas barracas assentadas sobre o chão de concreto, expostas com os variados produtos se estendendo até o final do cruzamento da Rua Riachuelo, com seus toldos listrados em vermelho e branco, formando um corredor comercial, que percorrendo sua avenida, ruas e calçadas, estabelecem suas conexões e identidade.

Territorialidade urdida na feira da Praça da Cruz Vermelha se torna nítida e simbolizada por uma multiplicidade de atos, gestos e movimentos, tecidos pelos atores sociais que frequentam e percorrem seus trajetos de parada. Ao transcorrer mais um dia de labor é natural que a convivência estreite as afinidades aos envolvidos nesse episódio, sendo eles, protagonistas, coadjuvantes ou simples figurantes, os itinerantes, sejam eles comerciantes ou fregueses criam conexões nesse ambiente, laços que são estabelecidos pelo contato frequente, desde o momento de simples brincadeira ou desabafo com seu colega de barraca, o clássico do futebol e a chacota do mesmo, a conversa fiada com o freguês, aquela prosa entre um cafezinho e outro, ou seja, a naturalidade e repetição dos gestos cristalizam a sensação de pertencimento, reafirmando, os laços ali constituídos, efetivando sua territorialidade.

Nessa trama complexa de dinâmicas e conotações, a praça de comércio - feiras livres não se constituem como um espaço homogêneo, mas, como um espaço fracionado em territórios delimitados. Nos dias que sucedem, é uma área – rua de livre acesso e circulação, o corredor agora ganha nova faceta, com seus semáforos e veículos configurando uma via de trajetos e labirintos de acesso a cidade.

Diante dessa perspectiva, pode-se observar que a feira livre se expõe, temporariamente, num ritmo cíclico, com começo e término, que se desenvolve sucessivamente em um movimento de rotação dos acontecimentos. Como afirma Souza (2000), o caráter cíclico deste tipo de territorialização é sobreposto em dias específicos e, sobretudo, com

alternância habitual, expondo outra paisagem. Percebe-se que a temporalidade, mesmo que num curto espaço temporal, cria a “apropriação” desse espaço.

Nesses espaços a sociabilidade se faz pelas rodas de conversa, fazeres, dizeres, brincadeiras, compras, táticas, enfim gestos que realizam a feira, efetuando as reproduções sociais e capitalistas da vida cotidiana, criando espaços e dinâmicas, erguendo redes de sociabilidade no âmbito do território construído.

A feira na Praça da Cruz Vermelha (ver figura 1), é a marca da rugosidade flexível, é surpreendente, como em tão pouco tempo, um mesmo território, apresenta o caráter multifuncional, “vários tipos de organização espaço-temporal, de redes de relação, podem surgir diante de nossos olhos” (SOUZA, 2000 p: 87), (re) criando, (re) significando distintas formas na paisagem e, sobretudo, a identidade - apropriação no recorte espacial. Em suma, “o território será um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais que*, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um *limite*, uma *alteridade*: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou comunidade” os *insiders*) e os “outros” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*). (SOUZA, 2000: 87, grifo do autor).

O ritmo citadino vivenciado nos distintos recortes espaciais no contexto em que as feiras estão inseridas retrata a dinâmica da produção desse espaço. Neste sentido as práticas socioespaciais verificadas nessa atividade tendem a delinear sobre o espaço em destaque o (urbano) relações de poder, definidoras de re(apropriação) territorial mediante os sujeitos inseridos nas realizações socioespaciais e sobretudo as atividades comerciais. Sendo uma manifestação das especificidades da economia urbana as feiras livres, de um modo geral, possuem elementos e características, que se faz notar a compreensão dos espaços apropriados e, tais formas de reafirmar estão classificadas na detenção de poder, no sentido de haver disputas por pequenas demarcações – territórios, mercadorias, preços e, entre si (feirantes). Na busca de sua reafirmação na produção do espaço urbano.

Figura 1 – Conjunto de imagens da Feira livre na Praça da Cruz Vermelha.

| | |
|--|---|
| <p>Localização Feira – Praça da Cruz Vermelha (hospital do INCA) Rua Tadeu Kosciusko – Carlos Sampaio</p>  | <p>Início da Feira Livre</p>  |
| <p>Transversal da Rua Tadeu Kosciusko – Carlos Sampaio</p>  | <p>Final da transversal Rua Tadeu Kosciusko – Carlos Sampaio</p>  |
| <p>Sociabilidade pelos corredores</p> | <p>Sociabilidade pelos corredores</p> |



Fonte: Pesquisa de campo, 2022

Toma-se este local como uma possibilidade de analisar formas de (re)apropriação coletiva, ou seja, o controle e uso do espaço, mesmo que de forma fragmentada, neste ambiente, ocorre a todo momento a manifestação de pertencimento, a sua importância e principalmente sua simbologia. “[...] quando essa ação se materializa no espaço; quando o coletivo, o grupo enquanto organização de suas ações se territorializam, fixando-se temporariamente em determinados locais (SANTOS 2013 p.48)”. Diante disso, as possibilidades transformam-se e significam as diferentes formas de territorialidade no espaço. Como descreve, “O território é desvelado como suporte material que permite a existência e o fortalecimento dos feirantes, no contexto de produção do espaço urbano (SANTOS 2013 p.48)”. Ou seja, a territorialização periódica dos feirantes manifesta uma forte tendência à apropriação do território e legitimando sua ação através do controle – uso dele. Portanto, a sua re(apropriação) é efeito dessa manutenção das atividades. O ruído dos carrinhos de transportes de mercadorias pela Tadeu Kosciusko, ainda pelo alvorecer e com plano de fundo uma intensa movimentação de caixas, e sujeitos de um lado para o outro e, em seguida, um burburinho bem único e particular acerca dos atores que ali estão envolvidos, recriando mais um típico dia de labuta, demonstra uma diversidade de significados imbuídos que se estendem para além de mercadorias, circulação e/ou pessoas. Sendo assim, a re(apropriação) desse espaço, traduz, a manifestação de uma tradição da territorialidade periódica, mas também, pela continuidade da recriação do símbolo familiar que é mantido e estendido

nesse ambiente, e esse vínculo é perpetuado pelos grupos sociais - redes que fazem parte dessa teia.

A manifestação de poder é perceptível por uma série de ritmos que expressam os diferentes modos de como a sociedade constrói e reconstrói as suas relações com o lugar. Objetivando a reprodução de sua vida. Como um dos palcos da vida urbana, a feira é composta por uma série de atores e diferentes formas de apropriação o que a torna um espaço único. Assim sendo, a territorialidade construída nesses espaços por diversos agentes, traduz não só o significado de identidade e tudo que está imbuída nessa perspectiva de caráter simbólico, como também, ocorre a existência da interface ditando os ritmos e ações dessa dominação. Isto é, ocorre a recriação da territorialidade (identidade) e o sustento (fonte de renda) dos indivíduos envolvidos.

Claramente, em alguns contextos acaba ficando encoberto ou menos implícito a atuação de todos os movimentos na reprodução de relações sociais, ou seja, tende a sobressair um fator, a priori, a questão da identidade é o cerne dessa dinâmica. Ainda que, a mesma seja de grande destaque, a dinâmica desta atividade também é de cunho econômico e simbólico, ou seja, ambas estão entrelaçadas.

É por isso que RAFFESTIN (1977: 125) diz que a linguagem subjacente na interpretação das territorialidades não é simplesmente uma linguagem de formas e de funções, mas essencialmente de relações. Isto porque ela é intrínseca ao espaço socialmente produzido, como forma de garantir a existência e mesmo a reprodução de relações sociais. O espaço, enquanto meio e condição de reprodução de relações sociais, ganha expressão na existência de territórios e na configuração de territorialidades (JUNIOR, 1998 P 36).

A ligação que é proporcionada nesse sistema – atividade, é mantida pela reprodução dos movimentos ali encontrados, desse modo, a interface pode ser analisada através da conexão nesses espaços, uma vez que, o indivíduo (feirante) cumpre o papel de agente na configuração e desenvolvimento dessa territorialidade, como também, sendo o seu local de trabalho, sua fonte de renda primária em muitas das vezes. Logo, a necessidade da re(apropriação), é a forma de sobrevivência desse comerciante, por isso, tamanha importância da realização desse trabalho, por de trás desse conjunto de elementos,

estão envolvidos um número significativo de pessoas – famílias que dependem da realização da feira. Sendo assim, são responsáveis pela manutenção e tradição da mesma. Em suma, os pequenos núcleos (feirantes) espalhados nos mais variados recortes espaciais são de grande contribuição na dinâmica econômica, mesmo que não se manifeste claramente, seja mais implícito, sua ação desempenha e constitui elemento fundamental de transformação e produção do espaço.

Assim, foi possível perceber a dinâmica e os arranjos espaciais presentes na feira, além da infinidade de interações socioespaciais que envolvem esta forma de territorialidade.

Feiras livres, circuitos da economia urbana e os empresários da miséria.

Desde a antiguidade, as feiras têm como objetivo promover trocas de mercadorias entre pessoas de diferentes lugares e dos mais variados produtos, sempre com a mesma finalidade, suprir as necessidades pessoais de cada indivíduo. Esta atividade de troca é tão antiga como a própria história do homem, e com o seu crescimento surge o comerciante. Iniciando então a divisão do trabalho. A feira exerceu um papel importante na implantação do dinheiro, e principalmente no surgimento das cidades. “Desde o tempo da colônia as feiras livres existem no Brasil, e mesmo com o advento da modernidade, elas permanecem vivas, sejam em pequenas ou grandes cidades. Nas pequenas cidades do país elas são a principal e, às vezes, o único local de comércio da população” (BOECHAT e SANTOS, p.03)

Esta modernização do varejo alimentar, a popularização dos super e hipermercados, e juntamente, o enrijecimento das leis higienistas contribuíram para formação de um olhar constante preconceituosa sobre as populares feiras de rua como forma de abastecimento alimentar. Sendo vista como uma atividade de modo arcaico e anti-higiênico

No plano do imaginário, recriam-se as feiras livres como territórios do desconforto, do informal, do transtorno, do atraso, do barulho e sujeira das ruas, enquanto os supermercados são massivamente apresentados como portadores do novo, do belo, do conforto, do “american way of life”. (MASCARENHAS, 2008, p.79)

Com efeito, à forma e função espacial das feiras livres, se materializam no espaço como figuras comerciais de caráter socioeconômico e cultural, como manifestação da cultura urbana brasileira, visto que, a atividade se mantém apesar do crescente avanço do desenvolvimento do comércio, tendo em vista, à frenética competitividade dos hipermercados e hortifrúteis, inclusive, a facilidade e conforto proporcionado pelas compras virtuais (internet).

Oriundos da modernidade, os obstáculos vividos nessas circunscrições espaciais não diminuíram a vivacidade e tradição da feira livre, é notório ver a “vida” seguindo seu fluxo em grandes cidades, em quase todos os bairros, seja na periferia ou em bairros nobres. O presente cenário evidencia um caráter diversificado, quiçá democrático, sendo perceptível pela presença de indivíduos transitando nesse ambiente, circulando vendedores, fregueses, e/ ou simplesmente indivíduos motivados a ver o fluxo citadino, essa pluralidade de sujeitos, de grupos, distintas classes sociais formam os atores que irão desdobrar a sociabilidade.

A representatividade desses espaços traduz também a relação humana e principalmente a importância social nessa inteiração, reafirma o contato direto com a comunidade, em tempos de modernização, a tradição e o prestígio de sua identidade se mantêm preservado. A sociedade cria laços, e isso é nítido, o espaço recebe fôlego mantendo vivo sua permanência e história.

No entanto, em tempos descritos pela globalização, revelam profundas consequências nas cidades brasileiras, atreladas as transformações do mundo do trabalho na intensificação do consumo. Nessa perspectiva, as transformações na divisão social e territorial do trabalho são movidas, por processos objetivos e estruturais, estes, relacionados a acumulação capitalista e pelo ambiente que os indivíduos estão inseridos, ou seja, pelas possibilidades de trabalho em um determinado lugar.

É importante salientar, que na década de 1970, Milton Santos apresentou a teoria dos dois circuitos da economia urbana como uma nova proposta de leitura e organização do espaço nos países subdesenvolvidos (terceiro mundo). Segundo Santos (2006, p.55) os países subdesenvolvidos apresentam características próprias, quer dizer, eram diferentes dos desenvolvidos, inclusive, antes mesmo do período da industrialização.

Diante disso, considerou a necessidade de uma nova teoria para compreender o desenvolvimento econômico dos países em questão.

Para Santos (1979, p.15) os componentes do espaço são os mesmos em todo o mundo e formam um *continuum* no tempo, mas variam quantitativa e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão (SERPA e PORTO, s.d. p.2). Daí surgem as diferenças espaciais e ainda afirma que os objetos geográficos, de ordem natural e artificial, juntamente com a sociedade são os principais componentes ou elementos desse espaço. Segundo Serpa e Porto, a partir dessa relação, novas configurações são produzidas no processo, no nosso entendimento, ao se referir aos componentes do espaço e a intensidade como eles se apresentam; com as diferenças sociais e econômicas existentes nas nações subdesenvolvidas, que tem seu espaço transformado, com os interesses além de suas fronteiras. A diferença de renda, acaba sendo maior nos países pobres, produz consumidores diferentes e atividades comerciais que satisfazem essa diferença.

As feiras livres, atividade inserida no circuito inferior (CI) da economia, atendem principalmente a população de menor poder aquisitivo. Segundo Serpa e Porto (s.d., p.2) a cidade do ponto de vista econômico, pode ser entendida como lócus de manifestação dos subsistemas, o circuito inferior (CI) e o superior (CS). Dessa forma, o conceito e as características do circuito inferior da economia presente nas feiras livres entram como elemento indispensável na compreensão da economia urbana.

Antes de uma discussão sobre a inserção da feira nos circuitos econômicos cabe defini-los. Para Santos (1979, p.17 -18) “o circuito inferior compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim como os transportes tradicionais e a prestação de serviços” e o circuito superior (p.31 e 67) é constituído pelas atividades comerciais, indústrias e pelos serviços modernos, pelos bancos, pelo comércio atacadista e pelas atividades ligadas aos transportes. (SERPA e PORTO s.d. p.2)

Resumidamente, um desses circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica, e com isso, uma de suas características é o desenvolvimento de atividades modernas que beneficiam a poucos. O outro resulta de um mesmo processo, porém com

resultados inversos, ou seja, os indivíduos beneficiam – se parcialmente das atividades ligadas a essa modernização.

No circuito superior à organização do trabalho é burocrática, no inferior e, no caso das feiras, ela se organiza de forma não oficial. Nas feiras, os vendedores organizam-se desprovidos de fiscalização, quer isto dizer, que é de forma menos assídua, mas não deixa de ter uma vigilância, no entanto, não possui controle rígido.

Outro ponto de análise, é o valor do capital empregado para manter o funcionamento da atividade comercial, sendo assim, no circuito superior o valor de capital empregado para o funcionamento é quase sempre valores altos – altíssimos. Já no circuito inferior esse valor é reduzido, os investimentos são muito diferentes, quase sempre, por valores muito inferiores (baixos).

O circuito inferior da economia caracteriza-se por apresentar uma grande oferta de emprego, totalizada a quantidade de estabelecimento e/ ou unidades de produção, porém nesse circuito, cada indústria ou ponto de venda oferece um número reduzido de empregos, embora seja difícil defini-los. Porque envolve tanto o trabalho mal remunerado como trabalho temporário e instável (SERPA e PORTO s.d., p.9).

Além disso, pode – se observar na atividade da feira livre, que em sua grande maioria os comerciantes envolvidos nesse ambiente, são os próprios donos do ponto de venda e, muitos negócios se utilizam de mão-de-obra familiar (parentes, amigos, conhecidos), como ajudante do serviço. Certamente, a escolha de familiares para o auxílio nas atividades feirenses, possibilita ao feirante, manter seu ponto de venda, evitando prejuízos, no sentido de ser a fonte de renda dos familiares e, claro, obter mais lucro, uma vez que, “empregando” desconhecido a remuneração seria mais alta, por ser um trabalho árduo – pesado, requer uma diária mais atrativa.

No que se refere ao estoque, as lojas dos dois circuitos apresentam comportamentos diferentes. Santos (1979, p.34) afirma que no circuito superior elas se caracterizam por apresentarem grande quantidade e/ou alta qualidade de mercadorias. (SERPA e PORTO s.d., p.6). O volume estocado no inferior é pequeno, e possuem qualidade inferior se comparadas as do circuito superior, uma vez que, em sua grande maioria, os comerciantes não dispõem de condições e infraestrutura adequada que permita o

estoque de muitos produtos, inclusive perecíveis e não perecíveis, comprando sempre uma quantidade limite. Sendo assim, o volume estocado é pequeno, como não se tem local apropriado, geralmente as mercadorias ficam guardadas em caixotes (madeira) na própria barraca para serem substituídas e comercializadas.

Diante de algumas das características mencionadas pelo circuito inferior, é inegável que seu espaço, é produzido atendendo aos interesses dos mais variados atores – indivíduos, que estão intrinsecamente envolvidos, participando e realizando as atividades comerciais urbana.

A realização laboral da feira livre, traduz a diferença de renda e consumo da população, assim como, a obtenção de diversas mercadorias. A área de execução desse mercado a céu aberto, possui a função de gerar cooperação, ou seja, a ação conjunta para uma finalidade, atingir o objetivo comum, sendo assim, os entremeios dessa atividade obtêm conexões – ligações, para um interesse mútuo e isso pode ser visto numa pequena análise de como se desenvolve os conceitos e suas práticas no dia a dia.

No Brasil essas transformações ocorreram pelo processo de urbanização, com um número expressivo de pobres na metrópole, e nas cidades médias, inclusive as migrações obtiveram ocorrências muito maiores na escala regional, e no crescimento mais acentuado das cidades medias. Sendo assim, as oportunidades de trabalho formal na economia urbana passaram por algumas mudanças, o primeiro foi processo de redefinição, ou seja, uma nova distribuição espacial dos empregos, aderindo mudanças e padrões da divisão territorial do trabalho, e com influência de outros fatores, a desconcentração industrial, e um aumento da exigência a qualificação dos candidatos. Segundo Oliveira (2008) no período atual, e com as mudanças atreladas a questão do emprego, houve uma expansão do consumo de forma considerável. Essa realidade tem sua raiz na globalização, o que reflete a maior circulação de mercadorias, algumas produzidas com o uso intensivo do trabalho mal remunerado, que se fez constante nas cidades brasileiras através das transformações nas cadeias produtivas de grandes transnacionais organizadas em rede, da redução de barreira alfandegaria e da crescente participação chinesa no mercado mundial. Além disso, tece crescimento no país os mais variados tipos de consumo de serviços tiveram crescimento no país, com taxa alta, nesse

levantamento entra a educação, lazer, turismo, os serviços pessoais e a empresa. Portanto, tudo isso amplia e intensifica a urbanização, e cria autorização para que uma gama variada de atividades se desenvolva nesse contexto urbano, provendo assim, uma multiplicidade de relações entre os mais variados seguimentos da economia urbana, quer dizer, se de um lado são reduzidas as oportunidades de emprego, por outro, aumentam e diversificam as possíveis formas de trabalho, com efeito, essa dinâmica, transforma algumas propriedades na divisão social e territorial do trabalho. (OLIVEIRA, 2008, p.56)

Esse conjunto de formas – expressões traduz a diversidade de situações e atores que, em cada lugar, realiza –se as mudanças na divisão do trabalho, atrelada ao processo de reestruturação espacial.

Na realidade da feira livre, o setor da informalidade ganha espaço com os feirantes, mas não só, como também, os famigerados empresários da miséria (entregadores, vendedores ambulantes), indivíduos estes, que necessitam da atividade laboral da (feira) para conseguir manter seu sustento. (KURZ, 2004). Dentro dessa organização, esses trabalhadores são desprovidos de qualquer respaldo trabalhista, a ação é vista como “bico” atividade conhecida como forma de ganhar renda extra. E dessa forma, a remuneração é de valores baixos, uma vez que, os serviços prestados dentro desse arranjo, estão classificados e associados a subcamada.

A periodização do comércio a céu aberto para esses empresários começam junto com os comerciantes, são eles os responsáveis pelo café matutino dos feirantes – os “entregadores de café” que são vendedores ambulantes que percorrem os corredores da feira descendo e subindo as ruas para fornecer o café da manhã, (pão, croissant, coxinha, entre outros...), neste cenário, também se faz presente os “carregadores” homens que utilizam o auxílio de carrinhos de carga para transportar entre as barracas, os produtos - mercadorias, é um trabalho que requer esforço braçal e disposição, pois carregam grandes quantidades de peso por dia, geralmente com grande fluxo. (ver figura 2)

Figura 2- Imagens de distintas tipologias de venda na feira da Praça da Cruz Vermelha.



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

A produção informal é entendida como o conjunto de formas de organização da produção que não baseia seu funcionamento no trabalho assalariado. Ela ocupa os espaços econômicos, não ocupados pelas formas de organização da produção capitalista, que estão, potencial ou efetivamente, a sofrer contínuos deslocamentos pela ação dessas últimas. Segundo Kurz (2004), a nova pobreza não surge pela exploração na produção, e sim pela exclusão da produção. Neste sentido, quem está empregado na produção capitalista regular (emprego formal) é visto como um privilegiado. A massa da sociedade tida como perigosa e até mesmo “problemática” não é mais definida por sua posição no “processo de produção” e sim, por sua posição nos âmbitos secundários, ou seja, derivados da circulação e distribuição.

Trata-se de desempregados permanentes, beneficiários de apoio social, prestadores de serviço baratos, nos domínios do outsourcing (terceirização), até chegar aos empresários da miséria, vendedores de rua e coletores de material reciclável. Tal forma

de reprodução são, de acordo com os termos – critérios jurídicos, classificados na irregularidade, atividades inseguras, inclusive a ocupação - localização, e as rendas rondam o limiar do mínimo necessário para a existência. De acordo com Kurz (2004), o novo desemprego estrutural em massa e por conseguinte a terceira revolução industrial, globalização e o capital, atingiu de imediato os produtores industriais direto. Obviamente a classe média também não seria poupada. Com o desabamento da nova economia, até mesmo as qualificações de muitos especialistas “high – tech” se viram desvalorizadas. Neste sentido, “não se pode ignorar que a ascensão da classe não tinha uma base capitalista autônoma; pelo contrário, ela dependia da redistribuição social da mais – valia oriunda dos setores industriais”. Sendo assim, à medida que a produção social real de mais – valia entra em uma crise estrutural, devido a terceira revolução industrial, automaticamente vai ocorrer a privação da base de sustentação da classe média. O resultado não é somente um desemprego crescente, a privatização e a terceirização, mas também a desvalorização do “capital humano” das qualificações no âmbito do trabalho. Desse modo, vemos trabalhadores baratos, freelancers em mídias, universidade privadas e escritórios (advogados) clínicas particulares, atualmente não é uma exceção, mas uma regra. Estratégia de produzir, criar seu capital por conta própria. Em conclusão, o setor informal pode absorver parte dos trabalhadores expulsos das relações de assalariamento em função de força física, idade, sexo, habilidade etc., desempregados ou subempregados em função do ciclo econômico, ou trabalhadores que optam por abandonar esta relação, vendo no setor informal uma alternativa de sobrevivência. Deve ainda ser observado que mesmo sem elevados níveis de renda as condições de trabalho por conta, correspondem à aspiração de muitos trabalhadores por se libertarem de um patrão, de um chefe ou de horários rígidos. Muitos se estabelecem por conta após terem sido assalariados e terem acumulado pequena quantia ou bens, ou mesmo após terem se desligado desta relação e recebido os direitos trabalhistas.

O ingresso nas atividades do circuito inferior aparece como possibilidade de adquirir o mínimo para a sobrevivência. Esse circuito torna-se então uma estrutura de abrigo para

muitos cidadãos novos e até mesmo antigos, que em sua grande maioria são desprovidos de capital e qualificação.

Considerações finais

As feiras livres ainda apresentam no universo contemporâneo papéis fundamentais na geração de renda, promoção da segurança alimentar, sociabilidade, identidade cultural e de construção de territorialidades.

Neste sentido, é de extrema relevância, pensarmos as feiras livres, sobretudo no ambiente das cidades brasileiras, enquanto espaços de construção cultural, de territorialidades por parte de trabalhadores e trabalhadoras, que se revelam importantes lugares de comercialização, venda de mercadorias e sociabilidades (troca de favores, conversas, laços de amizade, entre outros). Desse modo, torna-se o palco das variadas formas de uso deste território. Naturalmente esse espaço democrático, pode ser percebido e usado de diferentes formas pelos indivíduos que ali circulam, a cidade sob a ótica de um imenso mosaico, sendo esta fragmentação uma forma de viabilizar a sua transformação em mercadoria. Isso facilita imensamente a configuração de territorialidades, como também, a sensação de pertencimento, os laços que se configuram na dinâmica do uso desses territórios, podendo ser classificados por períodos curtos ou longo de vivência e sociabilidades nesses espaços.

Diante disso, a feira livre contribui não somente para empregar uma parcela da população em várias ocupações, mas também “descobrir” e/ou desenvolver o espírito comerciante de pessoas que acabaram por criar seus próprios negócios, passando a serem inseridos no mercado de trabalho do circuito inferior. Interessante destacar, que a feira continua sendo evento em destaque, mobilizando parte da economia, atingindo diversas áreas ao seu entorno, proporcionando maior dinamicidade e fluxo intenso de pessoas que convergem para ela.

Ao mesmo tempo, sendo a própria feira um meio de divulgações tradições e costumes, espera-se que as famílias transmitam esse hábito para outras gerações mesmo em meio ao caótico e moderno, modelo de consumo. Tal manifestação popular ainda permaneça.

O presente trabalho propôs analisar a produção desse fenômeno sob a ótica da teoria dos dois circuitos da economia urbana de Milton Santos (1979). Através do entendimento sobre circuito inferior, percebeu-se que a maioria das características apresentadas por Santos, está presente no “dia – a dia” das feiras. Dentre essas pode citar o caráter simples em que se dá a venda dos produtos, o baixo investimento em capital no funcionamento dos pontos de venda, a presença considerável de familiares - amigos, trabalhando nesse processo, baixo estoque de produtos para a comercialização, dentre outros. Dessa forma, compreender o território, como lócus da produção e reprodução social, entendendo a sociedade em toda sua complexidade e, a importância das redes (sociais, familiares) como forma de resistência para manter este tipo de apropriação do território e da cidade. Assim, a cidade é o lócus de outras totalidades e, portanto, na teoria dos dois circuitos, as diferentes formas de trabalho presentes no sistema urbano são, direta ou indiretamente, produto da modernização seletiva e concentradora, sendo originadas dos mesmos processos de modernização, os circuitos atendem as cidades de forma segmentada em diferentes níveis de capital, organização e tecnologia.

Por esses e outros motivos, é que a feira livre precisa continuar sendo objeto de pesquisa e de estudos para os cientistas sociais, pois, ao refletirem sobre as diferentes organizações sociais, novas territorialidades e espacialidades poderão ser descobertas e assim, tornar a compreensão do espaço geográfico muito mais ampla

Referências bibliográficas

- BOECHAT, Patricia Tereza Vaz; SANTOS, Jaqueline Lima. **FEIRAS LIVRES: DINÂMICAS ESPACIAIS E RELAÇÕES IDENTITÁRIAS**. Mestradas do Programa de Pós – Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento regional da Universidade Estadual da Bahia Campus V.
- CARVALHO, Renata Guimarães; MACIEL, Regina Heloisa; Matos; Tereza Glaucia Rocha Matos. **REDES DE TRABALHO E CONFIANÇA EM UMA FEIRA DE ROUPAS**. In: Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.25, n.2 2019. Ok
- CORREA, Roberto Lobato. **Diferenciação sócio – espacial, escala e práticas espaciais**. In: CIDADES, v.4, n.6, 2007.

- CORREA, Roberto Lobato. **PROCESSOS, FORMAS E INTERAÇÕES ESPACIAIS**. R. Bras. Geogr., Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, jan./jun. 2016.
- COSTA, Maria Regiane; SANTOS, Dionys Moraes. **FEIRAS LIVRES: DINÂMICAS ESPACIAIS E RELAÇÕES DE CONSUMO**. In: Geosaberes, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 653 - 665, Fevereiro. 2016.
- FIRMINO, P. C. S. Arapiraca/AL (Brasil) – **as feiras livres em tempo de contemporaneidade e os circuitos da economia urbana em Arapiraca/ Al (Brasil)** – Dissertação (Doutorado) Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo.
- HAESBERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: Um debate**. 2007.
- JUNIOR, Luis de Souza; RIBEIRO; Luis Henrique Leandro; SILVA, Catia Antonia. **Território usado e circuito inferior: o mercado insurgente de pescado na Praça XV – Rio de Janeiro (1980-1991)**. In: Revista Brasileira de Geografia Econômica. Ano X, n 22.
- MACIEL, R.et al. **REDES SOCIAIS E CAPITAL SOCIAL NA FORMAÇÃO DE REDES SOCIOPRODUTIVAS: ESTUDO EM UMA FEIRA DE CONFECÇÕES DE FORTALEZA**. In: Caderno de Psicologia Social do Trabalho,2014, vol.17,n.1,p.33-47 – DOI:10.11606/issn.1981,0490.v17n1p33-47.
- MASCARENHAS, Gilmar. **Feira Livre: Territorialidade popular e cultura na Metrópole Contemporânea**. In: Ateliê Geográfico – Goiânia – GO. V.2, n.2. Agosto/2008
- OLIVEIRA, E. L. de. (2008). **Algumas considerações sobre o conceito de setor informal e a teoria dos circuitos da economia urbana**. *Revista Geografias*, 4(1), 54–70.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**, ISBN 978-85-3140833-5 2° ed., São Paulo: Edusp,433pp, 2008.
- SAQUET, Marco Aurelio. **CAMPO-TERRITÓRIO: considerações teórico-metodológica**. In: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 60-81, fev. 2006.
- SAQUET, M. A. O CONCEITO DE TERRITÓRIO NO BRASIL: ENTRE O URBANO E O RURAL. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 2, n. 38, p. 84–112, 2016.SAQUET, Marco Aurelio: **O desenvolvimento numa perspectiva territorial, multidimensional e democrática**. In: Resgate, volume. XIX. N°21/ jan./junho 2011
- SATO, Leny. **Visitando a feira Livre: notas sobre a sua organização e seu trabalho**. Mnemosine Vol.5, nº2, p. 227-248 (2009) – Artigos
- SERPA, Angelo Szaniecki Perret; PORTO, Gil Carlos Silveira. **Circuito inferior da economia urbana: O contexto das Feiras livres em Itapetinga (BA) e arredores**.

SOUZA, Carolina Rezende. AS FEIRAS LIVRES COMO LUGARES DE PRODUÇÃO COTIDIANA DE SABERES DO TRABALHO E EDUCAÇÃO POPULAR NAS CIDADES: ALGUNS HORIZONTES TEÓRICOS E ANALÍTICOS NO CAMPO TRABALHO-EDUCAÇÃO. In: Trabalho Necessário. Issn: 1808 - 799X ano 13, número 22 – 2015 ok

VARANDA, Marta pedro. **Acção colectiva entre pequenos empresários: uma análise de redes sociais**. *Análise Social*, vol. XLII (182), 2007, 207-230.

DAS LETZTE STADIUM DER MITTELKLASSE in www.exit-online.org Publicado na Folha de São Paulo, 19 de setembro 2004, com o título **O DECLÍNIO DA CLASSE MÉDIA** e tradução de Luís Repa. <https://www.marxists.org/portugues/kurz/2004/09/19.htm> > Acesso em 30 de Janeiro, 2023.

Data de Submissão: 15/12/2023

Data de Avaliação: 26/01/2024